

A DESOBEDIÊNCIA DA RAINHA VASTI: ADESTRAMENTO, AUTORIDADE, SUBVERSÃO E PRAZER

Eixo Temático E-18 – GÊNERO, SEXUALIDADE E RELIGIÃO

Moisés de Figueiredo Guimarães ¹

RESUMO

A relação “obediência” versus “autoridade” se mantém na cultura na qual o papel da mulher é subjugado pelo simples fato de ser um corpo sem falo. A partir dos estudos de Freud sobre adestramento e prazer na cultura, iremos analisar a partir de um episódio bíblico em que medida a rainha Vasti agiu por desobediência à autoridade do Rei Xerxes. A história está no *Livro de Esther* que encontra-se no Antigo Testamento e que, no campo discursivo, contribui para reforçar a opressão, colocando a mulher como uma subcategoria do homem, independente do seu status social. Importa-nos refletir se o corpo político de Vasti soma a uma narrativa de subversão à cultura falocêntrica e se o seu silenciamento no relato bíblico configura uma perversão a partir de um modelo concreto de comportamento social.

Palavras-chave: autoridade; adestramento; relato bíblico; subversão; falocentrismo

INTRODUÇÃO

Talvez a história de Ester tenha desfocado a história da rainha deposta de nome Vasti com o objetivo que todos nós já sabemos sobre a perpetuação – ao menos bíblica – da concepção de patriarcado da qual conhecemos hoje, e por esta razão que este pequeno estudo busca compreender numa tentativa de reparação, ou pretensa reposição o lugar de Vasti: pensar no campo do gênero, do corpo-feminino, nessa voz-mulher que foi calada, abafada e condenada. Interessa-nos investigar nessa narrativa bíblica como a emancipação de Ester ao posto de rainha substituta, submissa, temente a um único Deus fala por séculos a necessidade de uma submissão compulsória da mulher aos desmandos dos homens. Não seria, portanto, surpresa para ninguém ver ainda no mundo práticas

¹ Mestre em Educação pela Universidad de Jaén e pós-graduando em Seminótica e Análise do Discurso pela Faculdade Metropolitana (SP), moiguibr@yahoo.com.br;

nas quais a mulher não tem voz, não tem direitos garantidos e muito menos igualitários. Poderíamos citar aqui inúmeros exemplos, sobretudo em culturas árabes² nas quais o papel da mulher é restrito a “serviço ao homem” e nada mais do que isso.

Mas, muitos daqui que não conheceram a história de Vasti estariam fazendo a seguinte pergunta: afinal, por qual razão a rainha Vasti foi deposta? Simples, por desobediência a um rei soberbo de nome Xerxes que bêbado³ solicitou a sua presença para “desfile com a coroa” para demonstração de sua beleza para seus homens convidados – chefes dos exércitos da Pérsia e da Média, governadores e gente da nobreza das províncias.

Vasti se recusa a comparecer com os seus sete eunucos na presença do rei, seu distinto esposo, e por fim comete o que poderíamos dizer ‘seu pecado mortal’ – numa sociedade de época na qual uma mulher só servia para estar a serviço do homem, em todos os sentidos, portanto, não só da procriação – a desobediência (ou seria petulância) de Vasti torna-se um mal estar que precisaria – e o é, bíblicamente falando – ser erradicado, ou seja, cortado na raiz para que nenhuma chance poderia ter (estamos falando de argumento aqui) para quem viesse a afrontar seu esposo com tal revelia. Estamos falando sim, de Vasti, a rainha que disse “não” para comparecer a um bando de confrades machistas tal qual o rei Xerxes, num mundo em que mulher não tem voz e nem vez. Vasti-revolucionária, Vasti-que-não-calou, Vasti que na condição de rainha subverteu, rompeu barreiras e disse que “não se assujeitaria” àquele homem que estava “alto” (na edição bíblica usa o termo *muito alegre*) no sétimo dia de festejo do reinado de Xerxes na capital Susã.

Nesta pequena abertura, trouxemos o que parece ser algo já assentado, de que num universo no qual o patriarcado dita as regras, a insurgência feminina é afrontosa, ou seja, serve para coibir as práticas perpetradas por uma cultura na qual o silenciamento da mulher é regra. E ao mesmo tempo a atemporalidade desse texto presente ainda no Velho Testamento que remonta uma ideia de comportamento no qual a submissão deve ser preservada, praticada, reproduzida, e mais, nunca ser questionada. O status quo faz com que mais meninas, jovens mulheres entendam que

² Vide em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-mundo-arabe-direito-das-mulheres.htm> consulta em 01/08/22.

³ Era uma festa e já estava no seu sétimo dia, versículo 10 cap. 1 do livro de Ester (Bíblia – Editora: Sociedade Bíblica do Brasil 2005) e “no sétimo dia de banquetes, o rei já havia bebido bastante vinho e estava muito alegre”.

seu papel será sempre esse, a sombra do homem, a *costela de Adão*, ainda que não atinja os mais cétricos e ateus.

Estamos falando aqui dos simbolismos, estamos falando aqui dessas fronteiras nas quais “rainhas não atendem a ordem do rei” (adaptado pelo autor) – para apropriar-se do versículo 12 do cap. 1 do livro Ester. Mas para isso havia já desde aquela época costumes e as “leis” que ditavam os ordenamentos dos Conselhos de Estado. Foi isso que fez Xerxes ao se ver “exposto” por Vasti, ao se ver – ainda que num estado ébrio – afrontado por alguém que deveria lhe servir.

Freud vai nos dizer sobre os tabus⁴ e os sujeitos que os transgridem serão severamente punidos. Os tabus, como sabemos, são o código de leis não escrito mais antigo da humanidade e que precedem qualquer forma de religião conhecida (SAROLDI, 2017:38), nesse sentido, a Rainha Vasti foi severamente julgada, deposta de seu posto – não só como esposa de um rei poderoso, mas sua posição social – por infringir a lei, por romper barreiras e quebrar o silenciamento, o tabu no qual – reitero – mulher não tem voz, vez, visibilidade, a não ser para “servir ao homem” e estar nesse cabresto, chamamo-nos atenção já no título quanto ao adestramento no qual a cultura acaba nos impondo e mais perversamente ao gênero feminino. Casto, devoto e do lar.

Não seria aqui a provocação interessante ao tentarmos – como disse anteriormente – dar vazão a uma justa reparação a rainha Vasti?

Baseado nos estudos de Freud sobre sua teoria da cultura que o homem teria sido adestrado, domesticado – por si mesmo – ao redirecionar para dentro a agressividade primitiva (SAROLDI, 2017:25) iremos discutir alguns pontos nessa narrativa na qual a emancipação de Ester é regradada a uma conformação de um papel inferior, e portanto, oposto aos três anos de reinado de Vasti.

Além disso, este estudo pretende tratar do gênero compulsório, aquele que espera uma performatividade⁵ na qual a própria sociedade culturalmente legítima. Essa performance do corpo feminino passa não só nessa história da rainha Vasti – como um corpo-brinde, corpo-desejável – por ser uma mulher bela, e portanto, o trunfo do rei Xerxes, mas sobretudo pelo policiamento simbólico a que estão submetidas todas as

⁴ Totem e tabu (1912-1913)

⁵ A ideia de performatividade proposta por Judith Butler (1993) parte dos atos de fala para investigar como o poder se estrutura discursivamente, provocando uma interabilidade compulsória das normas sociais. As categorias de gênero, “homem” ou “mulher”, seriam, portanto, roteiros comportamentais pré-estabelecidos estruturando a linguagem e, portanto, estruturando a própria construção do sujeito.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

outras, todas as não referenciáveis, afinal de contas, Vasti ocupando o cargo mais alto do reino passa a ser um corpo na qual outras mulheres passam a se visualizar, portanto, como diz BUTLER (1993) gênero não é apenas um sistema de citação discursiva da norma, mas do ponto de vista vivido, fenomenológico, “gênero” é um regime sensorial. Nesta medida, a representação desse corpo conta muito, ele serve de parâmetro para endossos, ele dita o comportamento esperado de toda e qualquer mulher do reino. O não de Vasti é uma fissura nessa narrativa bíblica, porque ele rompe, ele ressignifica esse lugar da mulher, ele emerge de um lugar no qual é preciso – ainda que na tolerância do abuso do homem enquanto esposa – dar um basta, dizer “ei, você passou dos limites, eu não vou, não quero e me deixa quieta” (imaginando um possível sentimento de Vasti naquele momento e contexto).

METODOLOGIA

Foram utilizados como metodologia análise do discurso a partir das referências bibliográficas de Freud (prazer e submissão); Judith Butler (corpo e performatividade) e Saroldi (cultura e comportamento).

Procurou-se entender como o esvaziamento do discurso da rainha Vasti – a ela não foi dado, voz e vez – a dimensão do autoritarismo masculino sobre o corpo da mulher, ou seja, a “desautorização” da rainha Vasti implicava não a quebra de um sistema compulsório de gênero, mas sobretudo, uma infração à lei. Por essa razão, a decisão de Xerxes passa por uma consulta ao Conselho, passa por uma “verificação”, por um endosso ao colegiado que, naturalmente, era composto por homens.

Outra dimensão analisada está no que tange a influência do corpo-mulher-rainha para as demais mulheres “esposas” ou não do reino, ou seja, a desautorização pública expunha a fragilidade do homem, esse mesmo que tem o falocentrismo como o direcionador das condutas que são legitimadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico utilizado foi as discussões de corpo e performance de ASSUMPÇÃO (2011), além da relação prazer e subversão de FREUD em sua teoria da cultura, além das implicações dos atos de fala por BUTLER.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como trata-se de uma análise qualitativa a partir de uma reflexão sobre os mecanismos textuais que contribuem para que o leitor – mobilizado sobretudo pela cultura religiosa cristã – seja direcionado a um conceito rígido no que tange ao comportamento social esperado de uma mulher, ainda que o dado seja não-científico (Bíblia Sagrada) nas quais as traduções e inúmeras versões contribuíram ao longo dos anos a “adaptação” dos valores preconizados naqueles países (ora mais severo ora mais flexível).

Portanto, parece-nos conveniente citar que, na linha de pensamento freudiano no que tange a domesticação do homem, a mulher passaria a passar pelo sufrágio de todo tipo de negação, na qual o seu corpo diretamente implicado (ASSUMPÇÃO, 2011) estaria condicionado na estrutura patriarcal a submissão e subserviência ao homem, que de posse desse “objeto”, “bem”, poderia mantê-la de acordo com as regras (leis) nas quais esse mesmo homem controla.

Na grande maioria das pessoas, resta sempre algo da ordem do indomável e do ineducável, que a cultura é incapaz de controlar. Freud observa que “aqueles que desejam ser mais nobres do que suas constituições lhes permitem são vitimados pela neurose. Esses indivíduos teriam se sentido melhor se lhes fosse possível ser menos bons”. SAROLDI, 2017:33

O que poderia de se esperar então da performance de uma rainha? Quem era a rainha de Xerxes? São questões que problematizamos nesse pequeno estudo uma vez que a Rainha Vasti não era de todo um corpo indomável, não era de todo um corpo ineducável, mas sim, sabia de seu lugar soberano que, ainda que representasse para agradar seu marido, ela também não se fez de passiva diante da postura intransigente de um homem bêbado (muito alegre) durante uma semana de celebração.

Talvez essa neurose a que Freud menciona na constituição humana, nada mais é que uma ruptura a um modelo comportamental compulsório a que mulheres são submetidas, o mesmo que faz a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos

Humanos, Sra. Damares Alves (gestão Bolsonaro) proferir validação de cores⁶ para meninos e meninas. Além de falas que reproduzem estigmas, refletindo mais injustiças sociais quanto a comunidade LGBTQIAP+ presente na cantora gospel Ana Paula Valadão na qual discorreu que, segundo ela: “Não é normal você ser homem e ter desejo homossexual”. Além de inúmeras interpretações impostas aos comportamentos prejudgados de comunidades cujos corpos dissidentes corroboram para a postura inquisidora de nossa sociedade cruelmente machista, homofóbica, xenófoba, na qual – para citar outro exemplo – um corpo feminino trans, como foi o caso da atriz Renata Carvalho que interpretou Jesus trans na censurada⁷ peça “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”(2016) acaba sendo vítima de um condicionamento compulsório no qual esses corpos não têm lugar e nem vez (para não estender e problematizar aqui a questão da performatividade feminina).

Coube nessa discussão compreender o que endossa os discursos de ódio não só para as mulheres – que também são vítimas – que reproduzem muitas vezes esse *status quo* social de subserviência aos homens, bem como as implicações desses comportamentos nos futuros homens/mulheres que muitas vezes são objetificados para submeter a uma “convenção” na qual é muitas vezes compulsória. Quem as rompe (rainha Vasti o fez⁸) acaba sofrendo as consequências: exclusão, abandono, censura.

Talvez esse texto seja uma reparação – ao menos a intenção é essa – ou não, porque o brilho de Ester de submissão⁹, ‘ouvir o chamado do Senhor Deus’, saber “esperar a sua hora certa” a elencou ao posto de Vasti e mostrou religiosamente que “ser subserviente, temente a Deus” você alcançará seus objetivos e será ‘bem-aventurado’.

⁶ Vide em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml> (consultado 01/08/22).

⁷ Vide em <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/06/07/crivella-admite-censura-em-peca-com-jesus-travesti-no-rio-de-janeiro.htm> (consultado 01/08/22)

⁸ Cap. 1:16-17 – Aí Memucã disse ao rei e aos seus ministros: - O que a rainha fez é uma ofensa não somente contra o senhor e os seus ministros, mas também contra os homens de todas as províncias do reino. Pois, **quando em todo o reino as mulheres souberem do que a rainha fez, elas irão desprezar os seus maridos**. E vão dizer: “O rei Xerxes mandou buscar a rainha Vasti, e ela não foi. (Grifo meu)

⁹ Cap. 9:13 – Ester respondeu: - se for do agrado do rei, dê autorização aos judeus de Susã para azerem amanhã o mesmo que tinham ordem para fazer hoje. E peço também que os corpos dos dez filhos de Hamã sejam pendurados em forcas.

Parece-nos importante dizer que para além da leitura do texto do livro de Ester na Bíblia e o recorte ao qual submetemos análise sobre a desobediência da rainha Vasti, o corpo feminino implicado constitui aquele mesmo corpo que condicionado aos costumes e valores de sua época – ainda que o texto seja em si, atemporal – possui a consciência do ato. Seria negligente de nossa parte julgar como um comportamento “tolo” da rainha Vasti ao recusar – no contexto ali presente – a um chamado de seu marido (rei Xerxes). O que nos importa afirmar é que, não, ela não foi subserviente, ela não se deu ao luxo de “desfile seu belo corpo” aos chefes de estado para agradar ao marido que comemorava suas conquistas e se vangloriava pela expansão de seu reinado.

É fato que ao jogar luz a Vasti e não a Ester trazemos uma questão pertinente de autorizar a uma pessoa que foi “desautorizada”, que foi “banida”, que foi “condenada” com a perda da coroa para alguém que pudesse ser o “ideal” de mulher para aquele tipo de reinado na qual a mulher não tem voz e nem vez. Os papéis sociais que tanto BUTLER e FREUD discutem em suas obras não estão implicados somente nas convenções regimentadas pela cultura dos povos, mas sobretudo, por um “estilo de vida” e “comportamento” considerados legítimos.

Vasti desautoriza um rei ao negar sua presença num momento em que ele desejava que “aquele corpo” pudesse selar com a coroa – e assim que está dito nas versões bíblicas do antigo testamento – com chave de ouro aquele momento de pura vaidade de um grande conquistador que era Xerxes. Não obstante, prazer e poder caminham juntos em histórias que vão para além de relatos bíblicos compilados, e como já dito, parece ainda prevalecer a objetificação do corpo feminino e sua valoração na subserviência ao homem.

O gênero compulsório pode ser lido, portanto, como uma condicionante de menos valia em culturas nas quais o patriarcado, a heteronorma e o machismo estrutural impugna a mulher de toda forma de direitos, relegando-lhe a um papel social no qual não há equidade de gênero e tampouco valorização a sua voz. Quem sabe um dia leremos um livro no qual Ester repõe a coroa em Vasti e expulsa Xerxes de sua própria prepotência. Seria um capítulo lindo, bem como um final com um beijo gay.

REFERÊNCIAS

ASSUMPTÃO, Pablo. *Queimando o Filme: performance, gênero, afeto, coletividade*. In. OLIVEIRA JUNIOR, A. Wellington. **O corpo implicado: leituras sobre corpo e performance na contemporaneidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

BÍBLIA SAGRADA: Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. Nova York: Routledge, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____, **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2010

KEHL, Maria Rita. “*Corpos estreitamente vigiados*”. O Estado de S. Paulo, 31 de dezembro de 2006.

KOLTAI, C. **Totem e tabu – Um mito freudiano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAROLDI, Nina. **O Mal-estar na Civilização: as obrigações do desejo na era da globalização**. Coleção Para ler Freud. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.